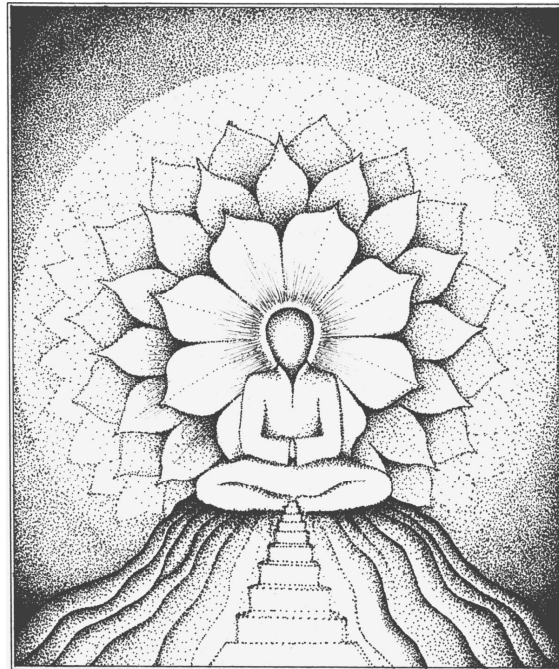


Roberto de A. Martins



O YOGA TRADICIONAL DE PATAÑJALI

O RĀJA-YOGA SEGUNDO O
YOGA-SŪTRA E OUTROS TEXTOS
INDIANOS CLÁSSICOS

**Apresentação e colaboração de
Flávia Bianchini**

**Shri Yoga Devi
2012**

Direitos autorais © 2007 by Roberto de A. Martins

Vendas pelo site:
www.shri-yoga-devi.org
shri-yoga-devi@gmail.com

Revisão do texto:
Márcio Magno Ribeiro de Melo

Figura da capa:
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès

2ª edição – Agosto de 2012

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito do autor (Lei 9.610, de 19.2.1998)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

Martins, Roberto de A.
O yoga tradicional de Patañjali: o Raja-Yoga segundo o
Yoga-Sutra e outros textos indianos clássicos / Roberto de A.
Martins.
São Paulo: Shri Yoga Devi, 2012 – 185 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-904198-2-2

1. Yoga. 2. Práticas meditativas. I. Título.

Sumário

Prefácio da Segunda Edição.....	1
Apresentação: a Chegada do RĀJA-YOGA ao Ocidente	3
Capítulo 1. Introdução Geral.....	15
Capítulo 2. Períodos e Textos do Pensamento Indiano.....	23
Capítulo 3. Estrutura e Ideias Básicas do YOGA-SŪTRA.....	31
Capítulo 4. O Renascimento, o KARMA e a Libertação.....	43
Capítulo 5. A Estrutura Cósmica e a Libertação, no SĀÑKHYA.....	53
Capítulo 6. O Ser Supremo, no RĀJA-YOGA.....	65
Capítulo 7. Os Membros do YOGA – Membros Externos	73
Capítulo 8. Os Membros Internos do RĀJA-YOGA	89
Obras Citadas	99
Os Vários PATAÑJALIs: Controvérsias sobre a História do YOGA-SŪTRA e seu Autor	101
Apêndice 1. PATAÑJALI. YOGA-SŪTRA	133
Apêndice 2. ĪŚVARAKRṢṂA. SĀÑKHYA-KĀRIKĀ.....	160
Apêndice 3. Transliteração e Pronúncia do Sânscrito	179

Os Vários PATAÑJALIs: Controvérsias sobre a História do YOGA-SŪTRA e seu Autor

Flávia Bianchini

Este texto é complementar ao livro de Roberto de A. Martins. Não pretendemos discutir aqui sobre tudo o que foi previamente exposto nesta obra. A proposta e intenção do presente capítulo é apenas apresentar uma revisão sobre o que se discutiu nos últimos séculos acerca do contexto histórico de PATAÑJALI e de sua obra, o YOGA-SŪTRA.

Quem foi PATAÑJALI? Quando viveu? Quais obras lhes são atribuídas? Seria ele um ser mítico, um YOGIN, um ṚSI do período dos VEDAs, um autor de obras médicas ou um gramático – ou tudo isso ao mesmo tempo? Terá ele composto o YOGA-SŪTRA muitos séculos antes da era cristã – antes do surgimento do Budismo – ou em algum período da própria era cristã? Infelizmente, não sabemos ao certo.

A problemática em torno das hipóteses e possíveis datas, para PATAÑJALI e o YOGA-SŪTRA, é discutida ainda hoje e continua a ser fonte de divergências, como veremos ao longo desta exposição.

Não pretendemos esgotar o assunto, visto que para isso seria necessário escrever um outro livro. Apresentaremos, no entanto, uma boa amostragem das opiniões e argumentos existentes sobre o tema.

PATAÑJALI COMO UM SER SOBRENATURAL

O YOGA-SŪTRA não contém nenhuma informação direta sobre seu autor nem sobre a época em que foi escrito. O mais

antigo comentário que conhecemos sobre a obra de PATAÑJALI – o BHĀṢYA de VYĀSA – começa da seguinte forma:

Possa o resplandecente Senhor das Serpentes [AHĪŚA], aquele que tem muitos capuzes, nos proteger – ele, que concede o YOGA e que é ele próprio unido em YOGA, ele que tem um corpo branco puro, que se delicia com um corpo de serpente, que é a fonte de toda sabedoria, aquele cujos limites chegaram ao fim e que possui um veneno mortal, ele que, tendo renunciado à sua forma original, nasceu neste mundo para beneficiar as pessoas sob muitas formas. (Jha, 1907, p. 22; Woods, 1914, p. 3; Feuerstein, 1998, p. 272)



Embora este comentário não cite aqui nominalmente PATAÑJALI, considera-se que essa prece inicial é dedicada a ele. De fato, muitas estatuetas indianas mostram PATAÑJALI

com uma forma metade humana e metade serpente, e existe um hino a PATAÑJALI que também o descreve dessa forma. Vemos, assim, que quando o comentário atribuído a VYĀSA foi escrito, PATAÑJALI já havia se transformado em um ser mítico.

Na tradição indiana PATAÑJALI é considerado uma encarnação de ĀDIŚEṢA – a serpente primordial. ŚEṢA é o nome de uma serpente mitológica, com mil cabeças, considerada como um símbolo da eternidade. É também chamada de ANANTA, “a infinita” e é representada muitas vezes como sendo o leito sobre o qual VIṢṆU dorme nos intervalos entre as criações do universo (Zimmer, 2003, p. 210).

Na iconografia, *Ananta* é representado muitas vezes como a almofada sobre a qual se reclina o deus *Vishnu*. As muitas cabeças do senhor das serpentes simbolizam a infinitude ou a onipresença. Não é difícil descobrir qual a ligação que *Ananta* tem com o *Yoga* uma vez que este é por excelência o tesouro oculto, isto é, o conhecimento esotérico. Até hoje muitos *yogins* prostram-se perante *Ananta* antes de começar a rotina diária de exercícios yogues. (Feuerstein, 1998, p. 272)

Feuerstein relata um mito segundo o qual o rei das serpentes ANANTA tomou o nome de PATAÑJALI porque queria ensinar o YOGA na Terra e caiu (PAT, em sânscrito) do céu sobre as mãos postas (AÑJALI) de uma mulher muito virtuosa chamada Gonika (Feuerstein, 1998, p. 272). Por outro lado, segundo Parmeshwaranand, os eruditos indianos apresentam a opinião de que ele tem esse nome como uma indicação de que as pessoas deveriam realizar adoração (AÑJALI) aos seus pés (PADA), pois acreditam que PATAÑJALI era a encarnação de ĀDIŚEṢA (Parmeshwaranand, 2001, p. 1015). O mesmo autor relata o mito de Gonika associando-o ao nascimento do gramático chamado PATAÑJALI:

Em seu livro *Patañjalicarita*, Ramabhadradiksita escreveu sobre o nascimento de Patañjali: “Certa vez *Gonika*, filha de um sábio, orou ao Deus-Sol para ter um filho. Então *Ananta*, o rei

das serpentes, caiu sobre as palmas das suas mãos na forma de um sábio. A ascética jovem cuidou do sábio como seu filho”. Depois de alguns anos o sábio foi até *Cidambara* e orou a *Shiva* para abençoá-lo com bastante conhecimento e sabedoria para escrever um comentário do *Vyakaranavarttika* de Katyayana (regras explicativas sobre os *Sutras* de Panini). *Shiva* o abençoou, e o sábio escreveu o comentário. (Parmeshwaranand, 2001, p. 1015)

Desde as descrições míticas, alguns consideram PATAÑJALI, o gramático – um célebre comentarista do AṢṬADHYĀYĪ escrito por PĀṆINI – como sendo a mesma pessoa que compôs o YOGA-SŪTRA. Mas essa identificação é questionada por muitos autores, como veremos.

PATAÑJALI, O GRAMÁTICO

Houve um autor chamado PATAÑJALI que escreveu uma importante obra sobre gramática. A época em que esse autor viveu pode ser estabelecida dentro de um período bastante determinado. O PATAÑJALI gramático escreveu uma obra chamada MAHĀBHĀṢYA (“grande comentário”) baseada no AṢṬADHYĀYĪ de PĀṆINI (Feuerstein, 1998, p. 272).

O AṢṬADHYĀYĪ é a mais antiga gramática do sânscrito que foi conservada, embora cite outras obras anteriores (que foram perdidas), sendo extremamente conciso. Esse trabalho foi comentado por KĀTYĀYANA, em seu VĀRTTIKA. O trabalho de KĀTYĀYANA, por sua vez, foi comentado por PATAÑJALI (Zimmer, 2003, pp. 209-210). O MAHĀBHĀṢYA é uma das mais importantes obras gramaticais do sânscrito, tendo completado e expandido significativamente a obra de PĀṆINI.

Supõe-se que PĀṆINI viveu entre 500 e 600 antes da era cristã e que KĀTYĀYANA é do século III a.C., portanto, o gramático PATAÑJALI teria vivido depois dessa época.

De acordo com James Robert Ballantyne e Govind Shastri Deva, há informações suficientes no próprio MAHĀBHĀṢYA

que permitem determinar mais exatamente a época em que o gramático PATAÑJALI viveu:

Patañjali instituiu um grande sacrifício para Pusyamitra, o rei da dinastia *Sunga*¹⁶. Neste sacrifício muitos sacerdotes tinham começado a sua parte e Patañjali foi o guia do sacrifício. [...] Resulta do exposto que Patañjali foi contemporâneo de Pusyamitra. Segundo os historiadores, Pusyamitra ocupou o posto de rei em 185 a.C. De acordo com o *Matsyapurana*, o reinado de Pusyamitra durou apenas 36 anos. Pode-se concluir que a Patañjali floresceu nesse período. (Ballantyne & Deva, 2007, p. iv)

Pode-se, portanto, supor que o gramático PATAÑJALI viveu no século II a.C. Mas terá ele sido também o autor do YOGA-SŪTRA? De acordo com James Robert Ballantyne e Govind Shastri Deva, a resposta é positiva. A mesma pessoa teria não apenas escrito essas duas obras, mas também um texto sobre medicina AYURVEDA – um comentário a respeito da obra CARAKA SAṂHITĀ:

No idioma sânscrito há três livros que teriam sido escrito por Patañjali – *Yogasutra*, *Mahabhasya* (um comentário sobre o *Asthadhyayi*) e o comentário sobre Caraka. Em apoio a essa visão pode ser citado um verso do *Vakyapadiya* (1/148)¹⁷. O seguinte versículo disponível no comentário *Vasavadatta* por Sivarama também pode ser citado como prova – “Eu saúdo Patañjali que é o principal de todos os sábios e que remove as impurezas da mente através do *Yoga*, da fala através da gramática e do corpo através da medicina”. De acordo com Ramabhadra Diksita, o autor de *Patañjalicaritam*, Patañjali, era o filho *Gonika*, a encarnação de sesa e compôs o *Mahabhasya*, um *Sastra* sobre *yogasastra* e o *Varttika* sobre *vaidyakasastra*. Em

¹⁶ PUṢYAMITRA ŚUNGA foi um general que assassinou o último imperador Maurya (Brihadrata) em 185 a.C., tornando-se o primeiro rei da dinastia ŚUNGA no norte da Índia, até sua morte, em 151 a.C.

¹⁷ “Tudo o que era impuro no corpo, na fala e na mente foi purificado pelos seus tratados sobre medicina, gramática e espiritualidade.” Supõe-se que a obra VĀKPADIYA de BHARTRHARI é posterior ao século VII d.C.

sua introdução ao comentário sobre Caraka, o comentador Cakrapani mencionou que foi Patañjali que fez o *Varttika* sobre Caraka e que o Patañjali que compôs o *Yogasutra* e o *Mahabhasya* era a mesma pessoa. A mesma visão também é mantida por Bhoja, o comentador do *Rajamartanda*. Como a primeira frase do *Mahabhasya* é ‘*atha sabdanusasanam*’, e, na primeira linha da *Yogasutra* encontramos a frase ‘*atha yoganusasanam*’. (Ballantyne & Deva, 2007, p. iii)

As principais autoridades citadas por Ballantyne e Deva são o rei BHOJA (século XI d.C.) e CAKRAPĀṆI-DATTA – este último, comentador de CARAKA, também é do século XI. A citação do comentário do rei BHOJA é esta:

Vitoriosas sejam as palavras luminosas daquele soberano [BHOJA], o lutador na arena dos combates, que, criando sua gramática, escrevendo seu comentário sobre a obra de PATAÑJALI e compondo uma obra sobre medicina chamada RĀJA-MṚGĀṆKA, removeu todas as impurezas da fala, da mente e do corpo, assim como foi feito pelo soberano de todas as serpentes [PATAÑJALI, identificado com ĀDI-ŚEṢA]. (Woods, 1914, p. xiii)

Como se trata de obras muito posteriores à vida de PATAÑJALI – pelo menos do gramático deste nome – pode ser que BHOJA e CAKRAPĀṆI não dispusessem de informações confiáveis e estivessem apenas se baseando na identidade do nome dos autores desses trabalhos. Conforme comenta Swami Hariharananda Aranya:

Os nomes dos autores das diferentes obras não oferecem qualquer pista cronológica, uma vez que estes não se referem a indivíduos específicos. É certo que havia mais do que uma pessoa com os nomes de Vyasa ou Yajnavalkya vivendo em diferentes períodos. Da mesma forma, houve vários autores conhecidos como Patañjali, que era um sobrenome de uma família de acordo com a *Brhadaranyaka Upanisad*.¹⁸ Todos estes fatores de-

¹⁸ Há um equívoco de Swami Aranya, ao citar a BRHADĀRANYAKA UPANIṢAD, onde na verdade não aparece o nome PATAÑJALI e sim

finitivamente tornam quase impossível a colocação das obras sânscritas, literárias ou filosóficas, em qualquer ordem cronológica sem sombra de dúvida. (Aranya, 1977, p. 1)

Georg Feuerstein nos indica uma série de outros PATAÑJALIS:

A Índia conhece, além do gramático, vários outros Patanjalis. O nome é mencionado como título do clã (*gotra*) do sacerdote védico Āsurāyana. O antigo *Shata-Patha-Brāhmana* menciona um Patancala Kāpya¹⁹, que o estudioso alemão Albrecht Weber, no século XIX, tentou erroneamente identificar com Patanjali. Houve depois um mestre do *Sāmkhya* que tinha esse mesmo nome, cujas doutrinas são recapituladas no *Yukti-Dīpikā* (fim do século VII ou começo do século VIII d.C.). Atribui-se talvez a outro Patanjali a autoria do *Yoga-Darpana* (“Espelho do Yoga”) um manuscrito de data desconhecida. Por fim, houve um mestre de *Yoga* chamado Patañjali que fazia parte da tradição *shaiva* do sul da Índia. É possível que seja ela que se refira o título do *Pātanjala-Sūtra* de Umāpati Shivācārya, do século XIV, que é uma obra sobre liturgia do templo de *Natarāja* em *Cidambaram* (Feuerstein, 1998, p. 272).

Há também um ṚṢI do período pós-védico chamado Patañjali, a quem se atribui o NIDĀNA SŪTRA – um dos dez manuais que esclarecem os rituais dos VEDAs. Trata-se, no caso, de um ŚRAUTA-SŪTRA do SĀMA-VEDA, da escola KAUTHUMI ŚĀKHĀ. De acordo com fontes como o BRHADDEVATĀ e ṚGVEDĀNUKRAMAṆĪ, existiriam duas versões diferentes do NIDĀNA SŪTRA, uma delas atribuída a BHĀLLAVĪ, que foi perdida, e a outra (existente até hoje) atribuída a PATAÑJALI. Pela datação usual dos ŚRAUTA-SŪTRAs, essa obra teria sido escrita provavelmente antes do século X a.C.

PATAÑCALA KĀPYA (Br. Ar. Up. III.3.1 e III.7.1; Radhakrishnan, 2009, pp. 218, 224).

¹⁹ Como indicado na nota de rodapé anterior, PATAÑCALA KĀPYA é mencionado na BRHADĀRANYAKA UPANIṢAD, que é parte do ŚATAPATHA BRĀHMAṆA.

Apesar da fragilidade das evidências, diversos autores antigos e mais recentes aceitam a identificação entre dois ou três dessas pessoas chamadas PATAÑJALI. Small atribui a PATAÑJALI um “comentário sobre a gramática de Panini, e um trabalho médico chamado *Raja-Mriganka*” (Small, 1866, p.77). Parmeshwaranand, diz que “Patañjali é um dos melhores comentaristas do *Vyakarnasutras* de Panini”, e segue a opinião dos eruditos indianos, que acreditam que PATAÑJALI é o autor do YOGA-SŪTRA e de um comentário do CARAKA SAMHITĀ, e teria vivido durante o reinado do rei PUṢYAMITRA, antes de 150 a.C. (Parmeshwaranand, 2001, p. 1015). Elenjmittan também propõe que PATAÑJALI é o autor de dois livros, um de gramática e um de medicina, e que escreveu sobre a influência do *Yoga* em torno da segunda metade do séc. II a.C. (Elenjmittan 1974, p. 150). Henriques, no entanto, comenta que os estudiosos ocidentais costumam aceitar que existiram pelo menos dois PATAÑJALIs, o gramático e o autor do YOGA-SŪTRA, sendo que este último teria vivido em torno de 300 a 500 d.C. (Henriques, 1984, p. 20).

Carmen Dragonetti e Fernando Tola afirmam que:

De acordo com a tradição indiana, o autor do grande comentário dos aforismos gramaticais de Panini (século VI a.C.) que viveu no século II a.C., seria também o autor dos *Yogasūtras*. Mas a opinião mais generalizada no ocidente pensa que existiram dois Patanjali: um gramático e o outro um Yoguin, autor dos *Yogasūtras*; e considera que Patanjali o Yoguin viveu entre os anos 300 e 500 d.C. Tanto os indianos como os ocidentais aceitam geralmente que Patanjali não foi o criador do *Yoga*, que este existia desde muito antes dele, havendo Patanjali se limitado a fazer uma exposição sistemática do mesmo. Também se considera que Patanjali não foi o primeiro a escrever sobre o *Yoga*, que existiram outros autores antes dele, que ele inclusive utilizou suas obras na composição de seu tratado, mas que, como ocorre com tanta frequência, seu trabalho fez com que se esquecessem os outros e se converteu na obra clássica e básica do sistema. (Dragonetti & Tola, 1973, p. 15)

Feuerstein propõe que PATAÑJALI, o autor do YOGA-SŪTRA, viveu no século II d.C., pois o conteúdo e a terminologia do YOGA-SŪTRA apontam para o século II d.C como data provável para a existência desse PATAÑJALI, que não seria o gramático. No entanto, a metodologia utilizada por Feuerstein tem seus perigos. Segundo Aranya:

A ausência de qualquer menção de datas históricas dos antigos tratados indianos faz sua colocação cronológica extremamente difícil. Um estudo cuidadoso e comparativo das variações de expressões linguísticas perceptível nos *Vedas* e nos escritos filosóficos de diferentes épocas pode, é claro, ajudar a determinar – embora não com exatidão – a idade das diferentes obras. Mas esse método também tem suas limitações. Pois há numerosos exemplos de composições posteriores com imitação dos estilos lingüísticos antigos e de escritos antigos contendo interposições posteriores. (Aranya, 1977, p. 1)

O YOGA-SŪTRA E SEUS COMENTÁRIOS

Um dos modos que pode ser utilizado para tentar datar um texto é analisar outros textos que o citam e cujas datas são razoavelmente conhecidas. Se um texto é citado e discutido em uma obra do século V d.C., então ele não pode ser posterior a essa data. Isso permite estabelecer o *limite máximo* para a época de produção do texto; mas nada se pode afirmar sobre o *limite inferior* de sua produção.

O YOGA-SŪTRA de PATAÑJALI inspirou a produção de uma extensa literatura exegética, e segundo a classificação encontrada na obra de Feuerstein essa literatura é classificada em: BHĀṢYA (obra explicativa original que contém muitas informações acerca do texto-base); VṚṬṬI (comentário original que faz a exegese de cada palavra); ṬĪKĀ (glosas sobre os comentários); e UPAṬĪKĀ (sub-glosas sobre as glosas) (Feuerstein, 1998, p. 295).

Muitas vezes, um desses comentários principais como, por exemplo, um BHĀṢYA ou até mesmo um ṬĪKĀ, “por sua qualidade e antiguidade, passa a formar uma unidade com o livro

que comenta e goza de grande autoridade pela interpretação do mesmo” (Dragonetti & Tola, 1973, p.13).

Utilizaremos a seguir informações encontradas em diversas referências para reconstruirmos essa extensa lista de obras que foram produzidas a partir do YOGA-SŪTRA (Feuerstein, 1998, p. 298; Dragonetti & Tola, 1973, pp. 23-24; Eliade, 2009, p. 23; Eliade, 2000, p. 16; Zimmer, 2003, pp. 209-210; Small, 1866, p. 77; Woods, 1977, p. ix; Henriques, 1984, p. 17; Radhakrishnan, 2006, p. 342).

BHĀṢYAs – Comentários – obras explicativas originais:

- YOGA-BHĀṢYA atribuído a VYĀSA (entre os séculos V e VII d.C.)
- YOGA-SIDDHĀNTA-CANDRIKĀ (Luar sobre a perfeição do YOGA) atribuído a NĀRĀYAṆA TĪRTHA (século XV)

VṚTTIs – Comentários originais que fazem a exegese de cada palavra:

- SŪTRĀRTHA-BODHINĪ (Iluminação do sentido dos Aforismos) atribuído a NĀRĀYAṆA TĪRTHA (século XV)
- YOGA-SŪTRA-VṚTTI atribuído a NĀGOJĪ BHATṬA

ṬĪKĀs – Sub-Comentários – glosas sobre os comentários:

- TATTVA-VĀIŚĀRADĪ (Clarão da Realidade) atribuído a VĀCASPATI MIŚRA (século VIII ou IX d.C.)
- RĀJA-MĀRTAṆḌA (Sol Real) ou BHOJA-VṚTTI atribuído ao rei BHOJA, também conhecido como BHOJA-DEVA (século XI d.C.)
- YOGA-SŪTRA-VĀKYA-VIVARAṆA atribuído a ŚĀMĀKARA BHAGAVATPĀDA (século XIV d.C.)
- MAṆI-PRABHĀ (Brilho da Jóia) atribuído a RĀMĀNANDA SARASVATĪ YATI (século XVI)
- YOGA-VĀRTTIKĀ (Tratado de Yoga) atribuído a VIJÑĀNA BHIKṢU (século XVI), bem como seu resumo

YOGA-SĀRA-SAMGRAHA (Compêndio da Essência do Yoga)

- LAGHVĪ-YOGA-BHĀṢYA (Comentário curto) e o BRIHATĪ-YOGA-BHĀṢYA (Comentário longo) atribuído a NĀGOJĪ BHATTA, também chamado NĀGEŚA BHATTA (século XVI)

UPAṬĪKĀs – Sub-glosas sobre as glosas:

- PĀTAÑJALA-RAHASYA (Segredos da Escola de PATAÑJALI) atribuído à RĀGHAVĀNANDA SARASVATĪ

O mais antigo comentário, considerado mais importante e original, sobre o YOGA-SŪTRA, é o YOGA-BHĀṢYA atribuído a VYĀSA²⁰. Provavelmente foi composto no século V d.C., segundo Georg Feuerstein (1998, p.295), e entre os anos 650 e 859 d.C., de acordo com Henriques (1984, p. 17). Mircea Eliade propõe que o YOGA-BHĀṢYA teria sido produzido entre os séculos V-VII de nossa era (Eliade, 2000, p. 18) ou entre os séculos VII e VIII (Eliade, 2009, p. 23).

De um modo geral toda obra sânscrita tem um ou vários comentários que são editados conjuntamente com ela. Estes comentários aclaram o significado das palavras, dão a ordem direta das frases, criticam as construções gramaticais, explicam a doutrina, citam textos afins, relacionam o texto com o resto da obra, etc. Mas que nem sempre consegue alcançar a compreensão do texto original. Normalmente os estudiosos analisam o YOGA-SŪTRA conjuntamente com o YOGA-BHĀṢYA, e des-

²⁰ Este VYĀSA, autor do YOGA-BHĀṢYA, “é, supostamente, a mesma pessoa que coligiu os quatro hinários védicos, a epopéia do *Mahābhārata*, os diversos *Purānas* (enciclopédias sagradas populares) e um sem-número de outras obras. Essa idéia extravagante tem, porém, algum fundamento na realidade, pois o nome Vyāsa significa “Compilador”; provavelmente não era um nome pessoal, mas um título aplicado a muitos indivíduos no decorrer de um longo período” (Feuerstein, 1998, p. 295).

se estudo resultam infinitos abordagens e possibilidades de interpretação. Fazem conjecturas sobre a estrutura do texto do YOGA-SŪTRA e também suposições sobre o mesmo a partir do YOGA-BHĀṢYA, o que muitas vezes não se fundamenta ou se sustenta, mas que por muito tempo tem influenciado praticamente todos os estudos realizados na área.

Como o YOGA-BHĀṢYA é o comentário mais antigo conhecido a respeito do YOGA-SŪTRA, sua datação é essencial para determinar o limite cronológico máximo da obra de PATAÑJALI. Infelizmente, há muitas dúvidas sobre a época em que o YOGA-BHĀṢYA de VYĀSA foi escrito. Como vimos, diferentes autores lhe atribuem datas que vão do século V ao século IX d.C. Com base nessa datação, a única coisa que se pode afirmar é que o YOGA-SŪTRA foi composto antes dos séculos V-IX.

O YOGA-BHĀṢYA recebeu um comentário, o TATTVA-VĀIŚĀRADĪ por VĀCASPATI MIŚRA, durante o século IX (Eliade, 2000, p. 18; Eliade, 2009, pg. 23). A obra de VĀCASPATI MIŚRA e o YOGA-BHĀṢYA são considerados as mais importantes contribuições que existem para a compreensão dos YOGA-SŪTRA.

Feuerstein e Henriques concordam que, se utilizado com prudência, o YOGA-BHĀṢYA é uma valiosa ajuda na penetração dos SŪTRAS mais difíceis e que esse tratado contém a chave de muitos aforismos, embora, algumas de suas interpretações e certos elementos de sua terminologia não se coadunem com o YOGA-SŪTRA. Embora exista essa complexidade na escrita, Woods considera que o YOGA-BHĀṢYA juntamente com o seu comentário TATTVA-VĀIŚĀRADĪ, além de serem obras-primas do estilo filosófico, estão longe de serem apenas uma vaga coleção de glosas, e diz que o excessivo abreviamento e aparente desconexão da ordem das palavras presente nestes textos é intencional (Woods, 1977, p. ix).

Na seqüência, as duas outras obras consideradas mais importantes são: a do rei BHOJA (princípio do século XI), autor

do comentário RĀJA-MĀRTAṆḌA, e o tratado YOGA-VĀRTTIKĀ de VIJÑĀNA BHIKṢU (século XVI) (Eliade, 2000, p. 18; Eliade, 2009, p. 23).

Segundo Feuerstein, “existem várias outras obras menos populares, a maioria das quais só se conhece de nome. No geral, os comentários secundários não têm grande originalidade e são muito calcados sobre a antiga exegese de Vyasa ou de algum outro comentário” (Feuerstein, 1998, p. 298).

Além dos comentários ao YOGA-SŪTRA, há outras obras que o citam que são importantes para sua datação. Uma delas é o ṢAḌḌARŚANASAMUCCAYA (“Compilação dos Seis Sistemas”), escrito no século VIII pelo sábio jainista HARIBHADRA SŪRI. Sabe-se, também, que no século XI foi realizada a primeira tradução do YOGA-SŪTRA para o árabe por al Bīrūnī: *Kitāb Patanjāl* (Feuerstein, 1998, p. 298). Pode-se portanto afirmar com segurança que o YOGA-SŪTRA é anterior ao século VIII d.C.

Outro texto utilizado e citado por Ballantyne e Deva, é o ARTHAŚĀSTRA de KAUTILYA. Segundo eles, há no referido texto menção à filosofia do YOGA o que indica que esta filosofia foi prevalente antes de composição do ARTHAŚĀSTRA. Baseando-se nessa evidência, chegaram à conclusão de que PATAÑJALI e seu YOGA-SŪTRA pertencem ao século II a.C. ou a um período anterior (Ballantyne & Deva, 2007, p. v).

Recentemente, Feuerstein e Govindan acrescentaram mais alguns dados a essa discussão. Todas as obras utilizadas até hoje para encontrar referências a PATAÑJALI foram escritas em sânscrito e nunca se recorreu às obras escritas em outros idiomas, como o tamil. Segundo Govindan, os eruditos ignoram as diversas similaridades entre o YOGA-SŪTRA e a mais importante obra sobre YOGA escrita em tamil, o *Tirumandhiram*, atribuída ao SIDDHA Tirumular. Ambos os textos compartilham não só similaridade filosófica como indica que possivelmente Patañjali e Tirumular tenham sido contemporâneos, no

sul da Índia. No *Tirumandhiram* há uma menção feita por Tirumular a um PATAÑJALI, afirmando que ambos tiveram o mesmo GURU, Nandi. “Ele também comemora a visita de Patanjali a *Chidambaram*, onde ele próprio residia” (Govindan, 2008, p. 17). Costuma-se datar o *Tirumandhiram* como sendo do século IV ou V d.C. – ou entre os séculos I e VII d.C., segundo Feuerstein (2008, p. 14) – e se essa evidência for correta, essa seria também a época de PATAÑJALI.

ORIGENS DO YOGA DE PATAÑJALI

A análise dos comentários e outras obras que citam o YOGA-SŪTRA não permite situar claramente a antiguidade do texto de PATAÑJALI. A datação mais comum é o século II d.C. Mas será possível que o YOGA descrito por PATAÑJALI seja tão recente assim?

O YOGA-SŪTRA é um importante tratado filosófico, mas conforme Eliade, em geral, todos os tratados filosóficos indianos compreendem concepções anteriores à data da sua redação, e são frequentemente muito mais antigos. “Se encontramos num texto filosófico uma interpretação nova, isso não significa que ela não tenha sido considerada anteriormente” (Eliade, 2000, p. 19).

A palavra YOGA já era mencionada em textos muito anteriores às diversas possíveis datas da escrita do YOGA-SŪTRA. O YOGA é mencionado em muitas passagens dos VEDAS (RIGVEDA I.5.3, I.18.7, I.30.7; SĀMAVEDA 163, 742, 43; YAJURVEDA, V-S I.14; ATHARVAVEDA XX.26.1) e diversas UPANIṢADs. Resulta, portanto, que “o *Yoga* foi introduzido no período antigo e gradualmente veio à luz. Mas como ele não foi escrito a partir de sua história, o seu desenvolvimento gradual não foi entendido. Antes do *Yoga Sutra* de Patanjali descrições relativas ao *Yoga* permaneceram aqui e ali como por acaso” (Ballantyne & Deva, 2007, pp. i-iii).

Ghosh também nos faz lembrar que a palavra “YOGA” aparece esporadicamente em vários escritos de períodos anterior-

res como em algumas UPANIṢADs antigas (KĀṬHA UPANIṢAD, VI.11,18; ŚVETĀŚVATARA UPANIṢAD, VI.13) que remontam pelo menos ao século VI a.C. Antes desse tempo não há menção ao YOGA enquanto uma ciência compacta em nenhum outro lugar. Apesar desses precedentes, o YOGA vai surgir como coleção única, coordenada e sistematizada, apenas na forma do YOGA-SŪTRA. Ele estima que essa sistematização do YOGA tenha surgido na história pela primeira vez em um período estimado entre os séculos II e III a.C., e acredita que PATAÑJALI, afamado como um MUNI (sábio) e ṚṢI (vidente), tenha moldado e reduzido em aforismos, na forma de SŪTRAS, todo o conhecimento preexistente do YOGA (Ghosh, 1980, pp. ix-xx).

O YOGA-SŪTRA é uma das obras mais importantes por constituir a obra básica do YOGA, “sistema que tem um papel de primeiríssima importância na cultura da Índia e cujo conhecimento é necessário para compreender as mais variadas manifestações dessa cultura, inclusive de algumas daquelas que rechaçam a tradição ortodoxa brahmanica, como o Budismo” (Dragonetti & Tola, 1973, p. 14). Ao lado do YOGA tradicional existem numerosas “formas de yoga ‘populares’ assistemáticas, os chamados yogas não-brahmanicos (dos budistas e dos jainistas) e, sobretudo, *Yogas* de estrutura ‘mágica’ e outros de estrutura ‘mística’ [...]No fundo, é o próprio termo *Yoga* que permitiu essa grande variedade de significações” (Eliade, 2009, p. 20).

Segundo Eliade, “não se conhece um único movimento espiritual indiano que não dependa de uma das inúmeras formas do *Yoga*” (Eliade, 2000, p. 8). O YOGA se divide em um número bastante grande de correntes, o que se costuma chamar de “vias do YOGA”, e tais vias, sem exceção, se fundamentam no YOGA-SŪTRA. PATAÑJALI realmente sistematizou “no *Yoga Clássico*, aquela visão que unificou todos os pontos de vista, sem fundamentar-se ele próprio em nenhuma particular interpretação, baseou-se ele muito mais nas experiências e experimentos de todos os yogues anteriores” (Henriques, 1984, p. 21).

O YOGA DE PATAÑJALI COMO DARŚANA

Há alguns aspectos específicos que caracterizam o YOGA-SŪTRA e que precisamos examinar agora. Por um lado, o seu estilo de SŪTRA. Por outro lado, sua característica de texto fundamental de um dos seis sistemas filosóficos indianos tradicionais.

O YOGA clássico de PATAÑJALI – e só esta forma de YOGA – é considerado um sistema tradicional de filosofia – um dos seis DARŚANAs indianos ortodoxos – significando ortodoxo (ĀSTIKA) porque é “tolerados pelo brahmanismo, ao contrário dos sistemas heréticos, como, por exemplo, budismo ou o jainismo” que não são aceitos (Eliade, 2000, p. 15). Esses seis sistemas são: PURVĀ MĪMĀMSĀ, UTTARĀ MĪMĀMSĀ (também chamado VEDĀNTA), VAIŚEṢIKA, NYĀYA, SĀṆKHYA, YOGA.

Embora os DARŚANAs sejam considerados sistemas filosóficos, não podemos compreendê-los como sendo o que tradicionalmente se entende por sistema filosófico no ocidente, visto que na cultura e pensamento indiano essa concepção é bem diferente:

Um *darśana* não é evidentemente um sistema filosófico no sentido ocidental (*darśana* = vista, visão, compreensão, ponto de vista, doutrinas, etc., da raiz *drs* = ver, contemplar, compreender etc.) Não obstante, não deixa de ser um sistema de afirmações coerentes, ligado à experiência humana – que se esforça por interpretar em seu conjunto –, tendo como objetivo “libertar o homem da ignorância” (seja quais forem as acepções do termo ignorância). (Eliade, 2000, p. 15; Eliade, 2009, p. 21)

Eliade recorre à obra *L'Inde Classique* de Jean Filliozat e nos expõe algumas considerações úteis para compreendermos a dimensão à qual os DARŚANAs remetem.

Em sentido estrito, *darśana* significa olhar, embora se traduza geralmente por sistema. Justificam-se as duas interpretações. Os *darśanas* são realmente olhares sobre diversos pontos do domínio filosófico. São também sistemas na medida em que

constituem agrupamentos coordenados de noções. São ainda escolas porque a maior parte das vezes aqueles que os seguem transmitem sucessivamente de mestre a discípulo o ensinamento tradicional. E, sobretudo, os autores a eles ligados raramente compõem livros originais, comentam textos reconhecidos como fundamentais ou comentários a esses textos. (Filliozat, *apud* Eliade, 2000, p. 15)

Costuma-se admitir que esses DARŚANAs surgiram pelo menos dois ou três séculos antes da era cristã. Mas isso não significa que o texto de PATAÑJALI tenha sido necessariamente dessa época.

Cada uma das seis escolas tradicionais indianas – os seis sistemas ortodoxos, DARŚANAs – produziu seu próprio SŪTRA. No dicionário sânscrito-inglês de Monier-Williams a palavra SŪTRA adquire muitos significados. Vem da raiz SIV, que significa costurar, e representa literalmente um fio, corda, linha, arame, podendo indicar o cordão sagrado utilizado pelas três castas principais, um cinto, uma fibra, um esboço ou plano que como um fio atravessa ou une tudo, uma regra, direção, uma frase curta ou regra aforística, e qualquer manual composto de seqüências de tais regras, pendurados juntos como tópicos (Monier-Williams, 1979, p. 1241). Os mais antigos que conhecemos são os ŚRAUTA-SŪTRAs, que são manuais que descrevem os rituais sagrados do período dos VEDAs. Há textos considerados mais recentes que são os GRHYA-SŪTRAs e os DHARMA-SŪTRAs (respectivamente dedicados aos rituais domésticos e as regras de conduta).

Segundo Feuerstein, “Um *Sūtra* é uma composição de afirmações aforísticas que, juntas, dão ao leitor como que um ‘fio’ com que amarrar todas as idéias importantes que caracterizam aquela escola de pensamento” (Feuerstein, 1998, p. 273). Embora cada um dos sistemas possua seu SŪTRA como texto clássico, considera-se que foi PATAÑJALI quem mais perfeitamente usou tal estilo literário. Então, literalmente SŪTRA significa “fio condutor” que os alunos-discípulos deveriam decorar, recitar, ou utilizar como motivo de meditação. Sendo

que, o mestre ensinava comentando uma por uma, tais afirmações (Henriques, 1984, p. 19).

Dasgupta, teceu as seguintes observações acerca desse estilo de escrever:

Os tratados sistemáticos eram escritos em meias-frases (*sūtras*), curtas, mas cheias de significado, que não desenvolviam os detalhes do tema, mas serviam somente para pôr diante do leitor os fios perdidos da lembrança de complexas exposições com as quais ele já estava perfeitamente familiarizado. Parece, portanto, que essas vigorosas meias-frases eram como notas tomadas em aula e dirigiam-se aos que já dispunham de instruções orais diretas e elaboradas acerca do assunto. Com efeito, é difícil adivinhar a partir dos *Sūtras* a plena extensão do seu significado ou em que medida as discussões às quais deram origem em épocas posteriores estavam contidas em sua intenção primeira. (Dasgupta, *apud* Feuerstein, 1998, p. 274)

Dentro do texto YOGA-SŪTRA ou outro texto escrito neste estilo, cada linha não só possui “um lugar definido no sistema, senão que, ademais, separado de seu lugar, quase carecerá de sentido, não sendo evidente por si mesmo de nenhum modo”. Para Johnston, os SŪTRAS de PATAÑJALI “estão tão estreitamente enlaçados e dependentes um do outro, como as proposições de Euclides, sem que seja possível separá-los de seu próprio lugar” (Johnston, 1977, p. 9).

Johnston supõe que o termo tem a mesma raiz da palavra “costurar” e significa, na realidade, um fio que se supõe, desde sempre, tecer uma cadeia consecutiva de argumentos (Johnston, p. 9 1977). Feuerstein, diz que a palavra sânscrita SŪTRA significa literalmente ‘fio’ e que, portanto, seria um auxiliar da memória, “parecido com o nó que se dá num lenço ou os garanchos que se apõem ao diário ou à caderneta de anotações” (Feuerstein, 1998, p. 273).

Segundo Feuerstein, “É razoável supor que ele [PATAÑJALI] tenha sido uma grande autoridade em *Yoga* e muito provavelmente o chefe de uma escola na qual o estudo (*svadhyaya*) era visto como um aspecto importante da prática

espiritual. Ao compor seus aforismos (*Sutra*), valeu-se de obras já existentes” (Feuerstein, 1998, p. 272). Esta também é a opinião de Henriques, que considera que, apesar de todos os SŪTRAS serem apenas a formulação clássica de uma tradição oral, PATAÑJALI teria sido original em sua obra ao conseguiu formular literalmente, uma tradição eminentemente prática (Henriques, 1984, p. 20-21).

Segundo Feuerstein, os SŪTRAS não foram criados no primeiro florescer de uma tradição ou escola. Eles surgiram como resultado do pensamento e do debate de muitas gerações, por isso possuíam este caráter conciso que se mostrou ao mesmo tempo como um obstáculo e uma vantagem, visto que, à medida que “a transmissão oral dos ensinamentos ia enfraquecendo, iam-se perdendo aos poucos de vista as ideias e formulações originais, dando margem ao surgimento, às vezes, de interpretações muito divergentes” (Feuerstein, 1998, p. 295). Foi por sua natureza concisa que os SŪTRAS filosóficos estimularam, com muitas discussões e discordâncias, a realização de diversos comentários que por sua vez geraram outros comentários e sub-comentários.

Dos seis sistemas clássicos, o SĀÑKHYA e o YOGA estão estreitamente relacionados. Pode-se considerar que o SĀÑKHYA proporciona a base teórica sem a qual muitos dos conceitos utilizados por PATAÑJALI são incompreensíveis. Essas duas abordagens são citadas como essencialmente idênticas no BHAGAVAD-GĪTĀ:

Os ignorantes falam sobre SĀÑKHYA e YOGA como diferentes, mas o sábio não. Aquele que se aplica de forma adequada a um deles, obtém os resultados de ambos. O estado que é obtido pelos SĀÑKHYAs é também atingido pelos YOGINs. Os que vêem corretamente percebem que o SĀÑKHYA e o YOGA são um. (BHAGAVAD-GĪTĀ 5.4-5; Vireśwarānanda, 1987, p. 158).

No BHAGAVAD-GĪTĀ e em outras partes do MAHĀBHĀRATA, o fundador do sistema SĀÑKHYA é sem-

pre indicado como sendo o sábio KAPILA, que é também citado em outras obras, como o BHĀGAVATA PURĀṆA. O criador do sistema YOGA, no entanto, não é indicado no MAHĀBHĀRATA. Tal diferença de tratamento pode sugerir que, na época de redação do MAHĀBHĀRATA o YOGA-SŪTRA ainda não havia sido escrito, ou ainda não era reconhecido como o texto fundamental do YOGA.

No entanto, Swami Aranya utiliza um outro argumento para sugerir que PATAÑJALI é anterior até mesmo ao surgimento do Budismo:

O *Yoga-Sutra* é o mais antigo trabalho entre os seis sistemas filosóficos indianos que aceitam a autoridade dos *Vedas*. Ele não contém nenhuma referência, nem favorável ou desfavorável, com relação aos ensinamentos ou pontos de vista de qualquer outro sistema filosófico. Seus *Sutras* ou aforismos visam apenas estabelecer os seus próprios princípios e não refutar as opiniões dos outros sistemas, como quase todas as obras filosóficas fazem mais tarde. É lógico, portanto, assumir que o *Yoga-Sutra* precedeu o advento do budismo ou de qualquer outro pensamento religioso ou filosófico. O *Bhasya* (comentário) do *Yoga-Sutra*, no entanto, mais antigo como é do que quaisquer outros dos comentários filosóficos, parece ter sido composto após expansão do *Budismo*. O autor do *Bhasya* foi um Vyasa que não era o mesmo Kṛṣṇa Dvaipayana Vyasa, o autor do *Mahabharata*. (Aranya, 1977, pp. 4-5)

Outros autores, no entanto, acreditam existir menção a idéias budistas no YOGA-SŪTRA (Zimmer, 2003, pp. 209-210). Referindo-se a H. Jacobi e A.B. Keith, Mircea Eliade comentou:

Este dois últimos eruditos descobriram no IV capítulo do *Yoga-Sūtra* vestígios de polêmica anti-budista, de onde resultaria que a época de Patañjali não poderia ser muito anterior ao século V. Mas Jvala Prasad mostrou que o sutra IV.16 – onde se poderia ver uma alusão ao budismo dos *Yogâcāra* – não pertence ao texto de Patañjali. Este sutra limita-se a retomar uma linha do comentário de Vyāsa (século VII), onde este travava polêmica

com os *Vijnānavādin*. De resto, o rei Bhoja já observara que este sutra era uma interpolação de Vyāsa, razão pela qual se absteve de comentá-lo. Além disso, Jvala Prasad e Dasgupta salientam que, embora os autores aos quais se refere o sutra IV.16 sejam os *Vijnānavādin*, não temos razão alguma para acreditar que se trate de autores tão tardios como Vasubandhu ou Asanga. O texto poderia também referir-se a uma escola idealista mais antiga, como as que se encontram nas primeiras *Upanishads*. (Eliade, 2000, p. 16; Eliade, 2009, pag. 23)

Importa citar que quando os estudiosos dizem se referir ao YOGA-SŪTRA, muitas vezes estão realizando estudos sobre o YOGA-BHĀṢYA de VYĀSA. O texto original do YOGA-SŪTRA possui apenas algumas poucas páginas e é desprovido de qualquer explicação ou esclarecimento. Os SŪTRAS são sintéticos e objetivos. No entanto, tendo consultado o YOGA-BHĀṢYA, constata-se que é nesta obra que se encontram as considerações anti-budistas que foram mencionadas. Por isso necessitamos ter muito cuidados com os estudos fundamentais nos comentários.

A ARGUMENTAÇÃO DE JAMES WOODS

James Haughton Woods e Surendranath Dasgupta são dois pesquisadores do início do século XX que estudaram profundamente as fontes e registros históricos sobre PATAÑJALI. Por terem realizado inúmeras análises influentes, veremos aqui uma breve revisão de suas pesquisas nesta área. As obras aqui utilizadas são *The Yoga-System of Patañjali* de Woods (primeira edição em 1914) e *History of Indian Philosophy* de Dasgupta (primeira edição em 1922). Praticamente todos os estudiosos ocidentais recorrem a estas duas obras em suas pesquisas. Começamos pela obra de Woods.

James Woods realizou a primeira tradução para o ocidente do YOGA-SŪTRA de PATAÑJALI acompanhada pelos seus principais comentários, o YOGA-BHĀṢYA de VYĀSA e o TATTVA-VĀIŚĀRADĪ de VĀCASPATI MIŚRA.

Woods realiza em sua obra inúmeras considerações sobre as possíveis datas para os diversos textos; recorre a autores e obras budistas do mesmo período; tenta situar as datas dos comentários escritos por VYĀSA e VĀCASPATI MIŚRA, tentando encontrar nestas datas posteriores fundamentos para as antigas datas ou teorias encontradas nos comentários que não se coadunam com a obra original, o YOGA-SŪTRA. Há quatro pontos principais, que foram apontados por ele em seu livro, que são importantes para serem revistos aqui.

No primeiro tópico ele realiza uma discussão acerca da autoria dos YOGA-SŪTRAS, no qual expõe que ainda não se provou a identidade de PATAÑJALI, autor dos SŪTRAS, e de PATAÑJALI, autor do MAHĀ-BHĀṢYA.

Woods inicialmente expõe que “a opinião na Índia e no Ocidente de que o autor dos *Yoga-Sūtras* é também o autor do grande comentário gramatical de Panini, não foi rastreada definitivamente antes do décimo século”. Relata que no YOGA-BHĀṢYA de VYĀSA (que supõe ter sido escrito provavelmente por volta de 650 a 850 d.C.) não há uma declaração quanto à autoria dos YOGA-SŪTRAS, a menos que o versículo inicial seja considerado como prova válida de que PATAÑJALI escreveu os SŪTRAS. Também considera que não há qualquer indicação nos YOGA-SŪTRAS sobre o autor do MAHĀ-BHĀṢYA e, inversamente, não há nenhuma referência no MAHĀ-BHĀṢYA sobre o autor do YOGA-SŪTRA. Woods indica uma passagem III.44 do YOGA-BHĀṢYA de VYĀSA em que esse autor se refere nominalmente a PATAÑJALI e cita um conceito semelhante ao exposto no comentário do gramático, e diz que ao escrever o comentário esse autor teria em mente o MAHĀ-BHĀṢYA e que embora o conteúdo dessa passagem seja um elemento de possível conexão entre o YOGA-SŪTRA e o MAHĀ-BHĀṢYA, ele não pode ser vir por si só como base para a afirmação de que o YOGA-BHĀṢYA aceita a identidade dos dois PATAÑJALIS (Woods, 1977, p. xiii).

Na segunda seção Woods enfatiza que a tradição que propõe a identidade dos dois PATAÑJALIS não é anterior ao décimo século da era cristã. Woods aponta para vários pontos que corroboram isso (Woods, 1977, pp. xiii-xiv). Afirma que “o mais antigo texto sugerindo que o Patañjali que escreveu os sutras é o mesmo Patañjali que escreveu o *Maha-bhasya*, é a estrofe 5 da introdução do comentário de Bhojadeva sobre os *Yoga-Sutras*, em seu *Rajamartanda*”. Comenta que houve uma série de pessoas que podem ser identificadas com BHOJA-DEVA, e qualquer um deles pode ter sido o autor do RĀJA-MĀRTANḌA, mas nenhum deles é anterior ao século X de nossa era.

Em seguida, Woods menciona outras fontes posteriores que afirmam também essa identidade. Indica que existe uma tradição da atividade tripla de PATAÑJALI como um escritor de YOGA, da gramática e de medicina em uma citação no comentário de ŚIVARĀMA sobre o VĀSAVADATTĀ, que Aulfrecht atribui ao século XVIII. Cita também uma obra do século XVIII, o PATANJALICARITA, que atestaria para autoria de PATAÑJALI nos campos do YOGA e da medicina. Comenta ainda uma estrofe da introdução do comentário sobre a obra médica de CARAKA, composto por CĀKRAPĀṆI, escrito aproximadamente em 1060 d.C. Esta obra informa que o trabalho médico de PATAÑJALI consistiu em uma revisão (PRATISAMSKṚTA) do grande compêndio de CARAKA. Todas essas fontes são anteriores (ou, no caso da última, contemporânea) ao RĀJA-MĀRTANḌA de BHOJA; portanto, não há fontes anteriores ao século XI que afirmem a identidade dos dois (ou três) PATAÑJALIS.

Na terceira seção, James Woods diz que identificação dos dois PATAÑJALI não foi confirmado pela comparação dos conceitos filosóficos que aparecem na obra gramatical e na obra sobre YOGA. Neste tópico ele realiza uma extensa análise sobre o conceito de substância (DRAVYA) presente tanto no YOGA-SŪTRA como no MAHĀ-BHĀṢYA, principalmente se

concentra na análise dos diferentes termos utilizados nas duas obras. Embora encontre semelhanças entre as conceituações de substância do YOGA-SŪTRA e do MAHĀ-BHĀṢYA, Woods aponta também diversas diferenças e imprecisões que não permitem determinar de fato se a tradição que identifica os dois PATAÑJALIs está correta (Woods, 1977, p. xv).

Woods, na quarta seção de sua análise, situa a data de composição do YOGA-SŪTRA entre 300 d.C. e 500 d.C. tomando como base as citações encontradas em diversas obras budistas, bem como a suposta crítica a uma escola budista encontrada no YOGA-SŪTRA. Woods afirma que no comentário de VYĀSA ao YOGA-SŪTRA iii.14-15 e iv.14-21 há um ataque a uma escola Budista, NIRĀLAMBANA e que mais especificamente o idealismo do VIJÑĀNA-VĀDA é atacado em iv.15-17. A interpretação exata daquilo que PATAÑJALI atacava pode ser questionada, pois poderia estar se referindo a alguma escola filosófica semelhante mas anterior a essa. Para tentar esclarecer esse ponto, Woods recorre ao comentário TATTVA-VĀIŚĀRADĪ de VĀCASPATI MIŚRA que afirma explicitamente que PATAÑJALI estava combatendo a escola dos VIJÑĀNAVĀDINS. Se de fato PATAÑJALI estava se referindo ao idealismo budista de VASUBANDHU, isso estabeleceria o limite mínimo do século IV para o YOGA-SŪTRA. Essa data é reforçada, segundo Woods, pelo fato de que NĀGĀRJUNA (século II d.C.) se refere à escola do YOGA mas não cita PATAÑJALI. A partir da análise de outras obras do primeiro milênio da era cristã, James Woods aponta que não há citações ao YOGA-SŪTRA anteriores ao século V d.C. e acaba por concluir que a obra de PATAÑJALI deve ter sido escrita em algum momento no quarto ou quinto século de nossa era (Woods, 1977, p. xix).

De acordo com Woods, a tendência de pensar os autores do YOGA-SŪTRA e do MAHĀ-BHĀṢYA eram a mesma pessoa era uma característica do período antigo, no qual se levava em consideração apenas a uniformidade do nome. Portanto, Woods

não admite que PATAÑJALI o escritor de YOGA-SŪTRA e PATAÑJALI o gramático sejam a mesma e única pessoa.

Independentemente de aceitarmos ou não as conclusões de James Woods, sua análise impressiona um leitor cuidadoso, pois ele fez uso de uma grande quantidade de informações sobre as obras indianas antigas que eram conhecidas em sua época (início do século XX).

A ARGUMENTAÇÃO DE DASGUPTA

Em sua obra *History of Indian Philosophy*, Surendranath Dasgupta retoma algumas considerações sobre o YOGA-SŪTRA e sobre a datação de seu autor. Afirma que Albrecht Weber tentou identificá-lo com KĀPYA PATAMCHALA citado no ŚATAPATHA BRĀHMAṆA, mas que é difícil chegar a qualquer conclusão apenas a partir da semelhança de nomes (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 230). Dasgupta prossegue afirmando que:

Há no entanto uma outra teoria que identifica o escritor do grande comentário sobre Panini chamado *Maha-Bhasya* com o Patañjali do Yoga-Sutra. Esta teoria tem sido aceita por muitos estudiosos ocidentais provavelmente com a força de alguns comentadores indianos que identificaram os dois Patañjalis. Destes, um é o escritor do *Patañjalicarita* (Ramabhadra Diksita) que não poderia ter existido antes do século XVIII. O outro é uma citação encontrada no comentário Sivarama sobre *Vasavadatta*, que Aufrecht atribui ao século XVIII. Os outros dois são o rei Bhoja de Dhar e Cakrapanidatta, o comentarista de Caraka, que pertenceram ao décimo primeiro século d.C. Assim Cakrapani diz que adora o *Ahipati* (mítica serpente chefe), que removeu as deficiências da mente, da fala e corpo com seu *Patañjala mahabhasya* e com o comentário do Caraka. Bhoja diz: “Vitória para as palavras luminosas daquele ilustre soberano *Ranarangamalla* que compoendo a sua gramática, escrevendo seu comentário sobre o Patañjala, que produzir um tratado sobre medicina chamado *Rajamrganka* e removeu como o senhor que sustenta as serpentes as impurezas da fala, mente e corpo”. O hino de adoração de Vyasa (que é considerado uma

interpolação por estudiosos ortodoxos) é também baseado na mesma tradição. Não é impossível, portanto, que os comentaristas indianos tardios poderiam ter feito alguma confusão entre os três Patañjalis, o gramático, o editor do *Yoga*, e o médico escritor a quem é atribuído o livro conhecido como Patañjalatantra, e que foi citado por Sivadasa em seu comentário sobre *Cakradatta*. (Dasgupta, 1922, vol. 1, pp. 230-231)

Dasgupta considera frágeis essas evidências e que, por isso, James Woods está de certa forma justificado por não aceitar a identificação entre o gramático e o autor do YOGA-SŪTRA. Embora mais adiante Dasgupta vá discordar da opinião de Woods, neste ponto de sua análise ele reforça a conclusão negativa, indicando que nenhum dos grandes comentaristas da escola de gramática (BHARTṚHARI, KAIYYAṬA, VĀMANA, JAYĀDITYA, NĀGEŚA, etc.) identifica os dois PATAÑJALIS. Este é certamente um ponto contra a identificação dos dois PATAÑJALIS por parte de alguns comentaristas posteriores dos tratados de YOGA e medicina (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 231).

Por outro lado, Dasgupta indica evidências favoráveis à identificação entre os dois PATAÑJALIS. Discutindo a análise que Woods fez a respeito do conceito de substância (DRAVYA) no texto sobre YOGA e no texto sobre gramática, Dasgupta nega que haja um antagonismo entre as visões apresentadas nas duas obras. “Até o ponto que examinei o Mahābhāṣya, não fui capaz de encontrar nada lá que possa nos garantir que os dois Patañjalis não possam ser identificados” (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 232). Mais do que isso: além de não encontrar uma contradição entre o YOGA-SŪTRA e o MAHĀ-BHĀṢYA, Dasgupta apontou alguns pontos importantes de semelhança. Uma característica do YOGA de PATAÑJALI é sua associação íntima com o SĀṆKHYA, ao contrário de outras correntes do YOGA como as descritas nos tratados de HĀTHA-YOGA e nas UPANIṢADS do YOGA (Dasgupta, 1922, vol. 1, pp. 227-229). Examinando o comentário do gramático PATAÑJALI, Dasgupta observa: “Estou convencido também

que o escritor do Mahābhāṣya conhecia a maioria dos pontos mais importantes da metafísica Samkhya-Yoga” (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 232). Este autor prossegue dizendo que, há uma semelhança externa, nos dois trabalhos, no início das obras: *ATHA YOGĀNUŚĀSANAM* (“agora começa a compilação das instruções sobre YOGA” no YOGA-SŪTRA), e *ATHA ŚĀBDĀNUŚĀSANAM* (“agora começa a compilação das instruções sobre as palavras” no MAHĀ-BHĀṢYA), o que poderia sugerir que os dois PATAÑJALIS são uma só pessoa (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 232). O argumento mais forte a favor dessa identidade seria que ambos admitem a doutrina do SPHOṬA (o som, concebido como eterno, indivisível e criativo) que é negada pelo SĀṆKHYA e que não é aceita por outros sistemas filosóficos indianos antigos (Dasgupta, 1922, vol. 1, pp. 232, 238).

Um dos argumentos de Woods contra essa identificação, como vimos, é a presença de uma crítica a uma escola budista tardia, presente na quarta parte do YOGA-SŪTRA. Dasgupta critica esse argumento, em primeiro lugar, por considerar que essa quarta parte da obra é uma interpolação tardia. Argumenta que a doutrina do YOGA é descrita nos três primeiros capítulos, que formam a parte original do YOGA-SŪTRA. O que comprovaria essa hipótese, “é a colocação de um “*iti*” (a palavra para designar a conclusão de qualquer trabalho) no final do terceiro capítulo que evidencia e denota a conclusão de sua compilação do Yoga. Há, no entanto outro “*iti*” no final do quarto capítulo para indicar a conclusão de todo o trabalho” (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 230). Segundo Dasgupta, a colocação dos dois “*iti*” indicaria que o último capítulo é uma adição posterior realizada por um outro autor, que provavelmente pretendia proteger o *Yoga* de supostos ataques da metafísica budista. Também indica que o estilo dessa quarta parte é diferente do encontrado nas três primeiras e que há no último capítulo uma repetição de parte do conteúdo do segundo capítulo; também comenta que a sua extensão de apenas 34 SŪTRAS é menor em relação ao tamanho dos três capítulos anteriores, que variam entre 51 a 55 SŪTRAS. Além disso, Dasgupta argumenta que,

mesmo se essa quarta parte fosse parte do trabalho original de PATAÑJALI, não se poderia tirar nenhuma conclusão a respeito de sua data pela simples presença das críticas apresentadas, já que as idéias lá criticadas já haviam sido desenvolvidas muito antes do tempo de NĀGĀRJUNA (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 233).

Analisando vários aspectos do YOGA-SŪTRA e comparando-os a concepções budistas, Dasgupta conclui:

Meu único objetivo ao apontar essas coisas nesta seção é mostrar que os *Yoga Sūtras* propriamente ditos (os três primeiros capítulos) foram compostos em uma época em que as formas posteriores do Budismo ainda não tinham se desenvolvido, e quando as discussões entre os Hindus e os Budistas e Jainistas ainda não tinha atingido uma etapa em que eles já não queriam fazer empréstimos um do outro. Como isso só pode ser considerado verdadeiro em relação ao Budismo primitivo, estou disposto a pensar que a data dos três primeiros capítulos dos *Yoga Sūtras* devem ser localizados aproximadamente no segundo século a.C. (Dasgupta, 1922, vol. 1, pp. 237-238)

Embora a tradição de antigos comentaristas não possa ser aceita como fundamento para identificação dos dois PATAÑJALIs, Dasgupta considera que o estudo crítico e comparativo entre o YOGA-SŪTRA e o MAHĀ-BHĀṢYA não permite descobrir qualquer evidência de que o autor do YOGA-SŪTRA viveu em uma data posterior ao PATAÑJALI gramático, e acaba concluindo: “Uma vez que não há evidências que impeçam de identificar o gramático Patañjali com o escritor do Yoga, eu acredito que nós podemos considerá-los como sendo idênticos” (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 238).

Assim como James Woods, Surendranath Dasgupta analisou detalhadamente a evidência disponível, levando em conta as indicações presentes em muitas outras obras antigas, mas chegando a conclusões opostas. Enquanto Woods nega a identificação entre o gramático e o autor do YOGA-SŪTRA, datando esta última obra como sendo do século IV ou V d.C., Dasgupta

afirma a identidade entre ambos, situando PATAÑJALI no século II a.C.

COMENTÁRIOS FINAIS

Com todos os fatos acima citados, vemos que as divergências acerca de quem foi e quando viveu o PATAÑJALI escritor do YOGA-SŪTRA está longe de se encerrar, e de fato não há nada de verdadeiramente concreto em todas essas suposições. Quanto à data de sua existência, não se sabe sequer se viveu nos séculos II ou III a.C., ou até mesmo no século V d.C.

Em certo sentido, as controvérsias sobre a datação dos YOGA-SŪTRA possui pouca importância. A data desse texto certamente não é da época em que suas ideias se originaram, pois PATAÑJALI sistematizou em sua obra princípios filosóficos, técnicas ascéticas e de meditação de uma antiguidade considerável (Eliade, 2000, p. 17). PATAÑJALI deu visibilidade e coesão aos ensinamentos do YOGA que já existiam. Os YOGA-SŪTRAS foram compostos:

[...] nos dias áureos da especulação filosófica na Índia e tem a seu favor o fato de ter dado à tradição yogue uma estrutura teórica razoavelmente homogênea e capaz de equiparar-se às muitas tradições rivais, como o Vedânta, o Nyâya e, não menos importante, o Budismo. Sua composição é, em princípio, um tratado sistemático que cuida de definir os elementos mais importantes da teoria e da prática do Yoga. Já houve tempo em que a escola de Patanjali era muitíssimo influente, como se pode deduzir das muitas referências ao Yoga-Sūtra e das muitas críticas a ele dirigidas nos textos de outros sistemas filosóficos. (Feuerstein, 1998, p. 273)

PATAÑJALI, de fato não foi o criador da filosofia (DARŚANA) do YOGA, muito menos o inventor das técnicas de YOGA.

Os círculos fechados dos ascetas e místicos indianos já conheciam, bem antes dele, as práticas do Yoga. Entre os métodos e técnicas conservados pela tradição, Patañjali recolheu aqueles

que foram suficientemente avalizados pela experiência de séculos. (Eliade, 2009, p. 22)

Logo no início do YOGA-SŪTRA, I,1 está escrito: *ATHA YOGĀNUŚĀSANAM* (“agora começa a compilação das instruções sobre YOGA”). Torna-se claro a partir do que é mencionado no primeiro SŪTRA de Patañjali, que ele está apresentando uma exposição de um conhecimento anterior (Ballantyne & Deva, 2007, p. i). Radhakrishnan chegou à mesma conclusão:

De acordo com o *Yajnavalkya Smṛti*, Hiranyagarbha é o fundador do sistema de *Yoga*, e Madhava ressalta que isso não contradiz a autoria de Patañjali do *Yoga Sutra*, já que Patañjali chama sua obra ‘*anusasana*’, onde a preposição “*anu*” implica que a sua declaração segue uma revelação primária, e não é por si só a primeira formulação do sistema. (Radhakrishnan, 2006, p. 341)

Dasgupta considera que, “Vācaspati e Vijñāna Bhikṣu, os dois grandes comentaristas sobre o *Vyāsabhāṣya*, concordam conosco ao considerar que Patañjali não foi o fundador do *Yoga*, mas um editor” (Dasgupta, 1922, vol. 1, p. 229). O estudo analítico dos SŪTRAS revela que a obra não mostra qualquer tentativa de ser original, mas trata-se de uma compilação magistral e sistemática, e que também foi complementada com contribuições posteriores.

Mais importante do que as controvérsias infundáveis sobre a datação de PATAÑJALI e dos YOGA-SŪTRA é o estudo de seu conteúdo, que nos apresenta um imenso tesouro de sabedoria teórica e prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANYA, Swami Hariharananda. *Yoga philosophy of Patañjali*. Calcutta: Calcutta University Press, 1977.
- BALLANTYNE, J.R.; DEVA, Govind Shastri. *Yoga Sutras of Patañjali*. New Delhi: Parimal, 2007.
- DASGUPTA, Surendranath. *A history of Indian philosophy*. London: Cambridge University, 1922. 5 vols.

- DRAGONETTI, Carmen; TOLA, Fernando. *Los Yogasutras de Patanjali. Libro del samadhi o concentración de la mente*. Barcelona: Barral Editores, 1973.
- ELENJIMITAM, Anthony. *La filosofia Yoga di Patanjali*. Milano: Mursia, 1984.
- ELIADE, Mircea. *Patañjali e o Yoga*. Lisboa: Relógio D’Água, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Yoga: imortalidade e liberdade*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do Yoga. História, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- FEUERSTEIN, Georg. *Prefácio*, in GOVINDAN, Marshall. *Os Kriya Yoga Sutras de Patañjali e dos Siddhas*. São Paulo: KYP-Babajī’s Kriya Yoga and Publications, 2008.
- GHOSH, Shyam. *The original Yoga*. New Delhi: Munshiram Manoharlal, 1980.
- GOVINDAN, Marshall. *Os Kriya Yoga Sutras de Patañjali e dos Siddhas*. São Paulo: KYP-Babajī’s Kriya Yoga and Publications, 2008.
- GULMINI, Lilian Cristina. *O Yogasutra de Patañjali. Tradução e análise da obra à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos*. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002. Tese de Mestrado.
- HENRIQUES, Antonio Renato. *Yoga e consciência: a filosofia psicológica dos Yoga Sutras de Patanjali*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- JHĀ, Gangānātha. *The Yoga-Darśana. The Sutras of Patañjali with the Bhāṣya of Vyāsa*. Translated into English with notes from Vāchaspati Mīśra’s *Tattvavaiśārādī*, Vijñāna Bhikṣu’s *Yogavārtika* and Bhoja’s *Rājamārtaṇḍa*. Bombay: Bombay Theosophical Publication Fund, 1907.
- JOHNSTON, Charles. *Los Yoga Sutras de Patañjali*. Buenos Aires: Editorial Kier, 1977.

- MONIER-WILLIAMS, Monier. *A Sanskrit-English dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- PARMESHWARANAND, Swami. *Encyclopaedic dictionary of Puranas*, Vol.4. New Delhi: Sarup & Sons, 2001.
- RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. *Indian philosophy*. Delhi: Oxford University Press, vol. I, 2006.
- RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. *The principal Upanishads*. New Delhi: Harper Collins, 2009.
- SMALL, George. *A handbook of Sanskrit literature*. London: Williams and Norgate, 1866.
- SUBRAMUNIYASWAMI, Satguru Sivaya. *Weaver's wisdom: Ancient precepts for a Perfect Life*. India-USA: Himalayan Academy, 1999.
- VIREŚWARĀNANDA, Swāmi. *Śrīmad Bhagavad Gītā*. With the gloss of Śrīdhara Swāmi. Madras: Sri Ramakrishna Math, 1987.
- WOODS, James Haughton. *The Yoga-system of Patañjali*. New Delhi: Motil Barnasidass, 1977.
- ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2003.